

Entrevista

Acad. Mateus Rosalem Aranha

Participação no Departamento Científico na Década de



RM: Por que o Sr. decidiu cursar medicina? As expectativas do senhor foram atendidas?

MR: Esta é uma pergunta feita com muita frequência e que raramente recebe uma resposta direta e simples. Os motivos que me levaram escolher medicina foram vários, e muitos deles só ficaram claros para mim agora, quando estou prestes a me formar. Decidi ser médico aos 14 anos. Lembro que na época minha avó se consultava com um cardiologista famoso da FMUSP e o modo como ele era admirado por ela e por toda a minha família me atraiu bastante para a carreira, pelo menos durante minha adolescência. Outro importante que me fez escolher medicina é sua característica de, como ciência, agregar todas as disciplinas que me agradavam muito durante o colégio, principalmente química e biologia.

A garantia de mercado de trabalho e o retorno financeiro a princípio não pareciam determinantes para a minha escolha, mas percebo hoje que foram fatores importantes que eu apenas ignorava. Acredito ainda que o fato de a medicina permitir que se trilhem caminhos muito diferentes após a graduação foi bastante relevante na minha opção de carreira.

Apesar de grande parte das minhas expectativas terem sido atendidas ao longo da graduação (as matérias são extremamente interessantes, a relação interpessoal é desafiadora e enriquecedora) sinto que posso me frustrar com a atual situação do mercado de trabalho (hoje dominado por convênios e repleto de profissionais muitas vezes mal formados que aceitam trabalhar a salários que não refletem toda a nossa dedicação à carreira). Claro que estes são medos pouco embasados, afinal estou nos últimos meses de graduação. Espero poder dizer, daqui alguns meses, que estes receios não tinham razão nenhuma de existir.

RM: Como era a grade curricular da FMUSP da sua época?

MR: Quando entrei na faculdade (2007) a grade curricular já era dividida em 3 ciclos, cada um com duração de 2 anos. O primeiro, ou Ciclo Básico, como o próprio nome diz, é formado por disciplinas das ciências básicas como Bioquímica, Biologia Molecular, Histologia, Genética, Imunologia, Microbiologia, Fisiologia e Anatomia, principalmente. Neste ciclo também são introduzidas noções de Atenção Primária à Saúde e da Prática Médica propriamente dita.

O segundo ciclo, ou Ciclo Clínico (3º e 4º anos), tem a função de aplicar os conhecimentos adquiridos durante o ciclo básico à prática clínica. Neste ciclo, matérias como patologia e microbiologia são vistas com mais especificidade e aprofundamento, direcionadas já ao raciocínio clínico. Estuda-se ainda farmacologia e introduz-se o aluno às disciplinas clínicas e cirúrgicas propriamente ditas.

O terceiro e último ciclo é o Internato, período em que, divididos em panels, os alunos passam por estágios práticos em enfermarias, prontos-socorros e centros cirúrgicos. É o ciclo que faz o aluno ter a vivência de ser médico e o prepara para o exercício real da profissão.

RM: Havia muitas extensões para participar? De quais o Sr. participou? Como se dava o relacionamento entre elas?

MR: As extensões da faculdade eram principalmente DC, CAOC, AAAOC, EMA, Bandeira Científica, MedEnsina e Show Medicina. Quando era calouro frequentei algumas reuniões do EMA, mas não me identifiquei com o projeto e acabei abandonando os encontros. Também participei do MedEnsina como

plantonista e acabei dando algumas aulas de revisão de literatura, mas minha participação foi bem pequena. Minha participação mais importante foi, sem dúvida, no DC, sobre o qual falarei mais adiante. Nessa época o DC ainda era um departamento do CAOC, completamente vinculado a ele. Fiz parte também das Ligas de Sífilis, Febre Reumática, UTI e Transplante de Fígado. Apenas no 5º ano comecei a frequentar a AAAOC, como atleta do Karatê.

Na minha época de diretor do DC a relação entre as extensões eram muito amistosas. Já não havia rivalidades entre AAAOC e DC/CAOC, como me disseram existir em anos anteriores. Durante nossa diretoria, por apresentar atividades próprias e bastante distintas do Centro Acadêmico e por já estar fisicamente separado deste, o DC se separou oficialmente do CAOC, tornando-se uma instituição independente, mas sempre mantendo relações próximas e amigáveis.

RM: O que levou o Sr. a participar da diretoria do DC nos anos 2000? E para a Revista de Medicina?

MR: Desde que entrei na faculdade, a Extensão com a qual mais me identifiquei desde o início da faculdade foi o DC. Queria ser colaborador do COMU desde o primeiro ano, mas não havia mais vagas. Quando estava no segundo ano e o DC convidou os alunos interessados em formar a nova diretoria eu fui um dos primeiros a aparecer, com medo de que as vagas se esgotassem novamente. Adorava o clima que tomava o DC quando o COMU estava próximo. Todos os diretores ansiosos, trabalhando como profissionais, passando noites em claro organizando kits do congresso e resolvendo problemas que surgiam de última hora. No começo da nossa gestão eu ainda era bastante perdido e não entendia direito como aquilo tudo funcionava. Durante uma breve apresentação do funcionamento do Departamento e escolhi ser diretor de revista, pois o trabalho de revisão de artigo, edição de entrevistas, planejamento das edições e contato com autores e revisores me agradava bastante.

RM: Como funcionava o DC daquela época? Quais eram as funções do Departamento?

MR: O DC possuía cerca de 25 diretores e era dividido em 6 departamentos, com seus diretores próprios: Revista, Cursos, Extensão, COMU, Informática e Tesouraria.

A função da Extensão era regulamentar o funcionamento das ligas existentes na faculdade e controlar a abertura de novas ligas acadêmicas. O departamento

de Cursos, por sua vez, era responsável pela criação de cursos curtos (5 dias, geralmente), sobre assuntos diversos eleitos pela diretoria do DC. O dinheiro arrecadado com as inscrições destes cursos era a única maneira que o DC tinha de gerar dinheiro, sem depender de verba de patrocinadores, para ser investido no COMU e, excepcionalmente, na Revista de Medicina.

O COMU era a principal realização do DC e sua organização envolvia todos os diretores, sem exceções, e levava o ano todo. No meu primeiro ano de diretoria (2008) o Congresso durava duas semanas, passando para uma semana no ano seguinte (2009). O principal problema durante nossa gestão foi, sem dúvida, a dificuldade de conseguir patrocinadores dispostos a investir no COMU, que tem um custo altíssimo.

O departamento de Revista era responsável pela seleção e revisão de artigos (sempre amparado pelo Conselho Consultivo), montagem das edições, pela qualidade científica e gráfica da Revista de Medicina.

O Departamento de Informática era responsável pelo suporte tecnológico que o DC, como um todo, precisava. Seu trabalho ia desde a manutenção de computadores do departamento até a criação dos sites do COMU, do DC e da Revista de Medicina.

A Tesouraria, como o próprio nome diz, era responsável pela gestão de recursos financeiros do DC.

RM: Como foi a evolução da RevMed naquela década? Houve algum momento de dificuldade?

MR: Quando assumi a coordenação da Revista de Medicina, em 2009, havia inúmeros desafios a serem superados. Apesar de a Revista ter sido a pedra fundamental da criação do DC (criado, a princípio, para cuidar da publicação da Revista), ao longo dos seus 93 anos (em 2009) de existência, ela foi perdendo força dentro do próprio departamento e acabou perdendo evidência com o fortalecimento do COMU. Coordenar um grupo editorial (formado somente por estudantes sem experiência na área – me incluo nisto) de uma revista científica indexada no LILACS e no LATINDEX não era fácil para mim, como tenho certeza que não foi fácil para nenhum dos meus antecessores ou sucessores. Apesar do apoio do Conselho Consultivo, formado por Professores, todo o trabalho de editoração, revisão de artigos, elaboração e transcrição de entrevistas, obtenção de patrocinadores, criação gráfica da Revista e qualquer outra função imaginável recaía sobre um grupo de seis diretores.

Desde gestões anteriores à minha, as grandes dificuldades da Revista de Medicina eram três: 1) conseguir patrocinadores dispostos a arcar com um custo de impressão médio de 10 a 15 mil reais por edição; 2) conseguir artigos de relevância científica que desse peso à Revista de Medicina e a tornasse um periódico importante no meio científico e 3) manter a periodicidade das publicações, respeitando, assim, as exigências para manter a indexação no LILACS. Em anos anteriores ao meu, a Revista era apoiada por um Curso Pré-Vestibular que utilizava a própria gráfica para imprimir as edições da Revista. Conseguíamos os exemplares impressos, mas os prazos de publicação nunca eram cumpridos e os artigos publicados, quase em sua totalidade, eram escritos por professores da casa a pedido do corpo editorial. Isso contribuiu para a deteriorização da imagem da Revista de Medicina, que já não era das melhores. Era necessário romper com o modelo de gestão da Revista, era necessário tornar a Revista de Medicina uma publicação novamente respeitada.

Em 2009 cancelamos o acordo que tínhamos com o curso Pré-Vestibulares e solicitamos apoio da diretoria da Faculdade de Medicina que prontamente decidiu cobrir os custos de impressão desde que nos comprometêssemos a gerir quase que profissionalmente a Revista e cumprir à risca os prazos pré-estabelecidos.

Com o apoio financeiro da Faculdade, a renovação da Revista de Medicina pode, enfim, sair do papel (desde a gestão anterior já havia a idéia de mudar o Logo da Revista). Mas antes de melhorar a qualidade gráfica da Revista, era necessário melhorar sua qualidade científica. Queríamos publicar artigos relevantes cientificamente. Queríamos que a RevMed fosse um periódico escolhido pelos autores por sua qualidade científica, mas não recebíamos artigos o suficiente para poder escolher os melhores para serem publicados. Aí começou a grande mudança da Revista na nossa gestão.

Investimos pesado em publicidade. Imprimimos centenas de cartazes que apresentavam um pouco da história da Revista e convidava os autores (médicos, professores, dentistas, fisioterapeutas, alunos de iniciação científica, entre outros) a enviarem seus artigos para a RevMed. Fizemos um levantamento de todas as escolas médicas do Brasil, com seus respectivos endereços, e distribuímos estes cartazes de norte a sul do Brasil, literalmente. Em algumas semanas os artigos começaram a surgir. Muitos artigos. Tantos que pudemos aceitar os bons, recusar os ruins e montar todas as edições do ano. Estabelecemos um ótimo contato com autores de diversas universidades

brasileiras. Essa foi, sem dúvida, a principal evolução da RevMed durante a nossa diretoria.

Como eu disse anteriormente, não apenas qualidade científica estava prejudicada, mas a imagem e a qualidade gráfica também. Precisávamos renovar completamente a Revista, lança-la com conteúdo e estética novos. Contratamos então uma designer que criou um novo logo e uma nova capa, mais modernos, mais profissionais, compatíveis com a imagem que gostaríamos que a revista tivesse. Assim, no auge dos seus 93 anos de idade, a Revista de Medicina ganhou conteúdo novo, cara nova e recuperou boa parte da credibilidade que foi perdendo ao longo dos anos.

RM: As expectativas ao entrar no DC foram atendidas? O Sr. teria feito alguma coisa diferente naquela diretoria caso fosse possível voltar no tempo?

MR: Minhas expectativas ao entrar para a diretoria do DC não foram apenas cumpridas, foram superadas. Eu frequentava o DC diariamente e, muitas vezes, aos fins de semana. O trabalho nunca acabava. Passava madrugadas em claro finalizando edições quando o prazo se aproximava, perdia o sono se uma edição estava atrasada ou se havia qualquer problema com a gráfica. E apesar de tudo isso, não queria estar em outro lugar fazendo outra coisa. Coordenar a Revista foi, sem dúvida, o que mais me trouxe prazer durante os 6 anos de graduação. Não acho que eu teria feito nada diferente na minha gestão, mas adoraria ter feito por mais tempo.

RM: Quais os aprendizados principais obtidos ao participar dessa extensão?

MR: O principal aprendizado que tive durante a minha gestão no DC é que se você se comporta como um amador, se não mostra interesse pelo que faz, você será tratado como amador e as pessoas não investirão ou confiarão em você. Porém se você se mostrar profissional e se dedicar ao que se propôs a fazer, será tratado com respeito e ganhará créditos com as pessoas que o cercam, o que é fundamental para que seus projetos tenham sucesso.

O DC e a Revista não podem ser encarados como brincadeira, como um momento de diversão durante a graduação. Estas são entidades sérias, extremamente respeitadas por todos desta casa e de fora dela, que demandam investimento e, de uma forma ou de outra, geram retorno à Casa de Araldo. Trata-las com seriedade e profissionalismo é fundamental

para que todo o trabalho feito por todas as gerações que passaram por esta faculdade continue a trazer prestígio não só a estas, mas a todas as instituições acadêmicas da FMUSP.

Estes são os valores que eu gostaria que meus sucessores preservassem.

RM: Para os alunos que estão iniciando agora a vida acadêmica, quais sugestões você daria?

MR: Aos estudantes que estão iniciando sua vida acadêmica agora, aconselho algumas coisas:

- a. Estude, isso faz diferença. Não se contentem com resumos e cadernos, eles terão papel importantíssimo durante o internato, mas aproveitem outras fontes de conhecimento durante os primeiros anos de faculdade;
- b. Não estude tanto. Você acabou de iniciar uma

carreira que te obriga a estudar a vida inteira, então não deixe sua vida passar enquanto você se perde nas páginas do Lenninger;

- c. Pratique esportes, isso faz com que você estude melhor e se concentre mais;
- d. Não tenha preconceitos durante sua vida acadêmica, experimente a faculdade como um todo. Não ache que por gostar de uma Extensão você não poderá fazer parte de outras. A Faculdade passa muito rápido, não espere para fazer as coisas que tiver vontade;
- e. Mantenha sua individualidade. Não se esqueça das coisas que você gosta de fazer, não deixe que a faculdade te impeça de fazê-las. Encontre tempo para você, isso não fará com que você estude menos ou seja pior que os demais. Pelo contrário, isso te dará forças pra continuar estudando quando já estiver extremamente cansado.